

Fábrica da Foxconn na China: empresa avalia abrir unidade no Brasil, mas deve enfrentar problemas para conseguir mão de obra



TRÊS PERGUNTAS A...

Divulgação



...JOSÉ PASTORE

Professor da Faculdade de Economia e Administração e da Fundação Instituto de Administração (USP)

“No Brasil, a maioria dos treinamentos tem pouco efeito”

De acordo com o professor José Pastore, que também é consultor em relações do trabalho e recursos humanos, a má formação dos brasileiros dificulta o embate com o China.

Quais as vantagens da China para empresas de eletroeletrônicos?

A competitividade de uma empresa depende de fatores internos e externos. Internamente, depende da criatividade, da qualidade dos equipamentos e do pessoal, do custo de insumos. Externamente, dos impostos, juros, infraestrutura e logística. A China tem vantagens nos dois lados. É o inverso do que ocorre no Brasil.

Quais são as diferenças entre o regime trabalhista no Brasil e na China?

As recentes mudanças nas leis trabalhistas chinesas, em 2008, fizeram o Brasil parecido com a China. A grande diferença está na implementação das leis. No Brasil, elas são mais respeitadas, graças à fiscalização. Na China, o governo pressiona apenas as multinacionais. Por isso, na prática, as jornadas são muito longas (48 horas a 60 horas por semana), as férias muito curtas (6 dias a 8 dias por ano) e os gastos com previdência social são mínimos. A mão de obra da indústria eletroeletrônica custa cerca de cinco vezes menos do que a brasileira.

A Foxconn estuda a abrir uma fábrica no Brasil e empregar 100 mil profissionais. Qual seria o impacto disso?

Duvido que a Foxconn consiga produzir no Brasil com custo mais baixo do que produz na China. No ano passado, a empresa enfrentou greves em várias de suas plantas. O salário-hora de muitas fábricas subiu 20%, mas isso significa que saiu de US\$ 1 por hora para US\$ 1,20 por hora. No Brasil, o salário médio do setor está em torno de US\$ 9 por hora. Na China, começa a faltar mão de obra qualificada, mas as empresas têm um razoável sucesso ao treinar funcionários que passaram por uma boa escola média. No Brasil a maioria dos treinamentos tem pouco efeito devido à má educação dos trabalhadores. **Fabiana Monte**

Brasil pode ter déficit de 600 mil profissionais de TI

Essa é a projeção para os próximos cinco anos. Este ano, 92 mil postos devem ficar vagos

Mariana Celle

mcelle@brasileconomico.com.br

Em cinco anos, o segmento de tecnologia da informação pode ter 600 mil postos de trabalho em aberto por falta de mão de obra qualificada. Um levantamento feito pela consultoria Korn/Ferry International, com dados obtidos junto a companhias de Tecnologia da Informação, Ministério do Trabalho e institutos de pesquisa constatou que a lacuna entre disponibilidade e necessidade de mão de obra na área está cada vez maior. Até o final deste ano, 92 mil vagas ficarão abertas, de acordo com a Associação Brasileira de Empresas de Tecnologia da Informação e Comunicação (Brasscom), porque não há profissionais suficientes no país para suprir essa demanda.

“O momento é de expansão por todas as partes. Enquanto o varejo cresce, por exemplo, aumenta a demanda por automação comercial e eficiência logística, o que exige mais da área de TI”, afirma Jairo Okret, sócio-diretor da Korn/Ferry para TI e Telecom.

O mesmo fato se repete em outros segmentos da economia. “Fases de crescimento, de fusão e de aquisição, por exemplo, exigem profissionais de TI para implementação de novos sistemas, adequação de modelos, entre outros”, afirma Ricardo Basaglia, diretor Michael Page, consultoria de recursos humanos.

A evasão escolar em cursos de tecnologia acaba por agravar o problema e é considerada um dos principais desafios do segmento. “Apenas 85 mil estudantes concluem os cursos superiores de educação tecnológica anualmente, o que representa 18% das mais de 460 mil vagas nas salas de aula”, diz Nelson Wortsman, diretor de Infraestrutura e Convergência Digital da Brasscom.

Remuneração

Tal realidade tem impacto direto na remuneração e também nas estratégias de atração e retenção de funcionários pelas companhias. “O prêmio exigido por profissionais para deixar uma empresa aumentou entre 20% e 30% nos últimos meses”, diz Okret. Oportunidade de cresci-

Henrique Manreza



Jairo Okret
Sócio-diretor da
Korn/Ferry

“O momento é de expansão por todas as partes. Enquanto o varejo cresce, por exemplo, aumenta a demanda por automação comercial e eficiência logística, o que exige mais da área de TI”

mento é outro fator analisado pelos disputados profissionais de TI, além do aumento de salário.

O déficit de pessoal se dá tanto na parte de gestão do negócio, ou seja, de executivos; quanto para técnicos e prestadores de serviço, elevando a remuneração de forma generalizada. No Brasil, um diretor de informática, cargo mais alto na área de tecnologia, pode receber até R\$ 52 mil por mês. A média, no entanto, é de R\$ 25 mil para este cargo. E engana-se quem pensa que cargos técnicos têm desvantagem. “Há no mercado profissionais técnicos com salário de R\$ 18 mil”, diz Basaglia.

Em áreas que exigem mais especialização, os salários tendem a subir. “O Brasil tem hoje aproximadamente 650 mil engenheiros, mas são poucos os que conhecem bem o segmento de eletroeletrônicos”, diz José Pastore, professor da Escola de Administração e Economia da Universidade de São Paulo. “E vai demorar para treiná-los”. Com isso, a remuneração dos profissionais da área tende a se manter em alta pelos próximos anos. ■